



Todos são aptos

– Além do salário havia a questão de identificar a capacidade dos professores e isso ainda provoca muita polêmica. Qual é o papel da avaliação nessa história?

– A avaliação nacional de desempenho já havia surgido no final dos anos 80, mas com uma tecnologia inadequada que não se prestava a comparações. Só mais recentemente, com a *teoria de resposta ao item* é que podemos aplicar a prova e, qualquer que seja o instrumento de medida, fazer comparações. Podemos comparar o mesmo aluno ao longo de sua vida escolar, ou alunos de uma mesma série em regiões diferentes. Mede-se com o conceito de proficiência o que se espera de cada faixa, e não mais com notas numéricas. Com esse instrumento, que parte de uma espinha dorsal de questões, o exame não precisa ser aplicado no país todo no mesmo dia. Com ele podemos identificar onde o ensino está falhando e onde precisamos reforçar a preparação dos professores novos e a atualização dos que já estão na profissão.

– Essas mudanças exigem uma nova pedagogia?

– Sim. Eu diria que exigem a pedagogia do novo. É mais importante hoje aprender a aprender, aprender a fazer e aprender a refazer. É o fim da era da cópia, da repetição, do aluno que copia o professor. O objetivo agora é ter uma gama de conhecimentos básicos e estar se questionando a vida toda. Ter elementos para indagar, para não aceitar as *verdades verdadeiras*, para não ver a universidade como a transmissora dos saberes de todos os tempos. Descobrir o novo, a sua verdade. Isto está se processando neste momento e é muito difícil.

– Qual será a educação do século 21?

– Primeiro, uma educação que tem que dar aquele salto para recuperar o tempo perdido e transpor o abismo que nos separa da modernidade. A educação à distância terá que ser aceita e reconhecida como um meio de se conseguir dar esse salto. Não

há como fazer a nova educação sem bons professores; mas pelos meios tradicionais e apenas com a educação presencial não se vai conseguir fazer a mudança em massa e ao mesmo tempo com qualidade. O domínio que se tem hoje, no Brasil, do uso da televisão e do computador nos permite fazer bem educação à distância, sobretudo para capacitar e recapacitar professores. E também para atualizar as pessoas já formadas, em todas as áreas.

– Essa idéia não ameaça o lugar da universidade na educação?

– Pelo contrário, a universidade desempenha aí um papel importantíssimo. Ela deverá manter a oferta de graduação e pós-graduação presencial, formando pesquisadores, pro-

ções. O sequencial não é uma coleção de pequenas disciplinas, miniaturas da graduação. São cursos que abordam os conteúdos sob ângulos diferentes. A mesma preocupação com a qualidade vale para educação à distância.

– E no caso do ensino médio? A reforma esta aí, também muito polemizada.

– O governo acredita que não pode haver um bom curso profissionalizante sem uma boa formação no ensino médio. Só podemos fazer um bom ensino profissionalizante de nível médio se tivermos também uma educação média de formação geral. Não há mais lugar para o ensino mecanicista. Nem para o diploma como prova de saber. Vou usar o meu caso

ver projetos de aceleração escolar, para atender àqueles que têm um ritmo diferente de aprendizagem. No Brasil há bons exemplos disso. Mas temos também outros, de promoção automática e, embora não se possa ainda fazer uma avaliação, até porque não é minha especialidade, parece que não estão dando muito certo, mesmo que seja em nome da recuperação da auto-estima. Não adianta dar o mesmo curso em que a criança já foi reprovada. É o ensino que tem que mudar.

– Como anda o projeto de avaliação continuada lançado há mais de uma década pelo Cesgranrio?

– Quando lançamos a idéia fomos muito criticados. Hoje o programa Sapiens é adotado em muitos estados, por muitas universidades. A cada semestre ou a cada ano, o aluno é avaliado e corrigido nas suas falhas. Depois passa por um teste de aptidão numérica, verbal e abstrata, que tenta democratizar o acesso a universidades muito procuradas. Mesmo numa avaliação parcelada, sem ser o vestibular, estamos medindo conhecimento e é lógico que os alunos mais preparados são os que vêm das melhores escolas e são, portanto, no nosso sistema, os de classe social mais abastada. Mas a aptidão não. Ela pode estar presente em todas as classes. Se medíssemos só conhecimento, os candidatos mais pobres estariam fora da universidade pública e gratuita. Apesar de ter sido conhecido como o “homem do vestibular”, sou o que mais combate o vestibular. Agora o Sapiens, que funcionou com uma autorização especial, foi liberado. Este ano entrou a primeira turma na UnB, com o Projeto de Avaliação Sucessiva. Projetos mais humanos, como estes, substituirão os vestibulares. Não tenho dúvidas.

“Ela (a aptidão) pode estar presente em todas as classes. Se medíssemos só conhecimento, os candidatos mais pobres estariam fora da universidade pública e gratuita.”

fessores e técnicos de alto nível, preparados para a reconversão diante dos desafios. Também manterão os cursos de especialização e os sequenciais para quem quiser se atualizar, ou se aprofundar, ou tenha que entrar rapidamente no mercado de trabalho.

– O senhor, como tantos outros educadores, então, se alinha com a idéia do aprender permanente?

– Sim, hoje não se pode pensar em outro tipo de educação; é uma exigência, ninguém mais pode parar de estudar, de se atualizar, de se desenvolver pessoalmente. Por isso os cursos sequenciais estão fazendo tanto sucesso. Mas temos que tomar cuidado para não abastardá-los. Temos que fazê-los com qualidade. Não podemos oferecer um curso em que em vez de termos a disciplina Cálculo, temos um *calculozinho*, como aconteceu com a engenharia de opera-

como exemplo. Sou formado em engenharia, não exerço há muitos anos, mas pelo fato de ter o diploma tenho as mesmas prerrogativas de quando me formei e dirigi empresas de engenharia. Se eu quiser voltar ao mercado, nada me impede, a não ser a minha ignorância na área e meu senso de responsabilidade. O mesmo aconteceria se eu tivesse trabalhado o tempo todo com engenharia e sem me atualizar. Hoje, mais que o diploma, vale a certificação. Temos que certificar as competências e isso será primordial para o mercado de trabalho. Certificarmos empresas, instituições, pessoas.

– Além da avaliação do professor, há uma grande polêmica na avaliação dos alunos. O senhor é a favor da promoção automática?

– Na visão que respeita a individualidade do aluno, podemos desenvol-

Leia a íntegra da entrevista na seção de Economia do JB Online